

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PROÊMIO NO DISCURSO *SOBRE OS BENS DE MENÉCLES, DE ISEU.*

Robson Lucena Carneiro (UFPB)¹

robsonlucena97@hotmail.com

Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli (UFPB)²

colonnelli.ufpb@gmail.com

RESUMO: Pretende-se neste estudo analisar o estilo de Iseu no proêmio de seu discurso “*Sobre os Bens de Menécles*”. Duas teorias, para além da contextualização do autor, nos auxiliam nesta análise: a primeira, extraída principalmente da teoria aristotélica, sobre as formas de argumentação; e a segunda, extraída da obra “*De Iseo*”, de Dionísio de Halicarnasso, acerca do estilo do autor. Por fim, será utilizado como *corpus* do estudo apenas o proêmio do referido discurso, a fim de se evidenciar a maestria com a qual o retórico emprega determinadas técnicas retóricas.

PALAVRAS-CHAVE: retórica; Iseu; Dioniso de Helicarnasso

CONSIDERATIONS ABOUT THE PROEMIUM IN ISEUS’S DISCOURSE ON THE ESTATE OF MENECLAS.

ABSTRACT: This research aims to analyze Iseu's style in the proemium of his discourse "On the Estate of Meneclases". Two theories, in addition to the author's contextualization, help us in this analysis: the first, extracted mainly from aristotelian theory, on the forms of argumentation; and the second, extracted from the work "De Iseo", by Dionysius of Halicarnassus, about the author's style. Finally, only the proemium of this discourse will be used as a corpus of research, in order to highlight the mastery with which the rhetorician employs certain rhetorical techniques.

KEYWORDS: rhetoric; Iseu; Dionysius of Helicarnassus

1. Retórica, Logografia e Iseu.

¹ Graduado em Letras Clássicas (grego e latim), pela Universidade Federal da Paraíba, Mestrando em Letras (PPGL-UFPB) E-mail: robsonlucena97@hotmail.com.

² Doutor em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba. Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos e da Pós-Graduação em Letras na mesma instituição (DLCV-PPGL-UFPB). E-mail: colonnelli.ufpb@gmail.com.

Desde as primeiras formas de interlocução efetuadas entre os seres humanos, é perceptível que uns procuram se impor perante outros em vários âmbitos, seja político, religioso, econômico, cultural, linguístico ou até mesmo social, com o intuito de obter um resultado esperado, ao se utilizarem da capacidade de se sobressair pela força do discurso. No mundo helênico não era diferente.

Essa arte oratória que por oradores e filósofos foi recolhida e transformada em um conjunto de regras estabelecidas, os gregos a denominaram de *retórica*. De modo preliminar, a retórica existe para influenciar nas decisões que serão tomadas, seja por juízes, seja por políticos, seja por pessoas comuns. Presume-se que a retórica grega tenha surgido na Sicília, por volta do século V a.C. Na Magna Grécia, teriam se originado os primeiros manuais de retórica, tais como o de Córax³ e o de seu discípulo Tísias, que desenvolvia uma retórica judicial baseada no argumento da probabilidade ou verossimilhança.

Depois desses primeiros manuais de retórica, surgem também os primeiros documentos que atestam questões relacionadas à expressão. O sofista mais influente foi Górgias de Leontino, que chegou em Atenas no ano de 427 a.C.. Escreveu textos como *Encômio de Helena* e *Defesa de Palamedes*, obras que expõem conteúdo sobre o estilo dos discursos. Quanto a seu modo de escrita, tentou ajustar para que fosse muito parecido com a poesia, partindo de figuras características baseadas na repetição, nas aliterações, nos paralelismos, nas antíteses, dentre outras figuras. O autor de Leontino tornou-se uma fonte de inspiração para diversos outros gregos no que diz respeito ao estudo dessa temática.

Isócrates foi discípulo direto de Górgias, e por esse motivo passou para os seus discursos uma esmerada preocupação estilística. Como Iseu, por sua vez, foi discípulo de Isócrates, ele também repassou a seus discursos essas fortes características do estilo, seguindo a tradição estabelecida por seu mestre.

É no século IV a.C. que se encontram os primeiros manuais completos de retórica, como o que foi escrito por Aristóteles. Sobre a obra *Retórica* do filósofo, Consuelo Montero (1993: 14) afirma que: “A obra supõe um avanço extraordinário com respeito à teoria retórica precedente, por seu caráter analítico e científico, de modo que

³ Aristóteles, na *Retórica*, confirma a atribuição desse manual de retórica a Córax, quando menciona “A Arte de Córax” (ἡ Κόρακος τέχνη, 1402a).

assentou as bases de toda a retórica posterior e se converteu em referência obrigatória.”⁴

Os editores modernos organizam em três livros seu escrito, do qual os dois primeiros tratam da invenção dos argumentos e o terceiro, tido como um apêndice, trata do estilo e das partes do discurso. O discurso retórico, por sua vez, é subdividido em três grupos principais: o político, o judiciário ou forense e o epidítico ou laudatório. O discurso político é aquele que delibera acerca de um fato que acontecerá no futuro. Tem a função de aconselhar ou desaconselhar, a partir de valores pautados no útil e no nocivo. Em um sentido restrito, sempre acaba numa votação. O discurso epidítico é aquele que delibera acerca de um fato que acontece no presente. Tem a função de louvar ou rechaçar alguma coisa, levando o ouvinte a uma reflexão crítica. O objeto desse tipo de discurso é o belo ou o feio, configurado na virtude ou no vício.

O discurso forense, por sua vez, se acerca de um fato passado. Os discursos pronunciados dizem respeito a um julgamento formal. Possui o encargo de acusar ou defender, de declarar o justo ou o injusto. O auditório é convertido, desta maneira, em juiz. Admite-se geralmente que a teoria do discurso judiciário serve de referência para a teoria dos dois outros discursos por ser mais complexo.

Quanto aos oradores gregos, a tradição estabeleceu um cânone dos dez melhores oradores.⁵ Iseu é um dos que estão no rol e, segundo alguns historiadores, foi discípulo de Isócrates, como já dito, e mestre de Demóstenes. Sua data de nascimento geralmente aceita é entre 415-410 e a de morte após 344-343 a.C. (Jiménez López, 1996). É mais provável que ele não fosse natural de Atenas, mas sim um *meteco*, isto é, um estrangeiro que habitava na cidade. Como estrangeiro em Atenas, ele não poderia desempenhar cargos públicos nem pronunciar discursos políticos, já que eram requisitos apenas de cidadãos atenienses. Nesta perspectiva, a característica de Iseu foi a de trabalhar majoritariamente com discursos judiciários ao longo de sua vida, mas, a partir de alguns fragmentos, visto que apresentam traços próprios de outros gêneros, o retórico parece também ter se dedicado a outros gêneros, como o político e o epidítico. Infelizmente, nenhum deles foi conservado na íntegra. Era natural, então, que ele se dedicasse à profissão da logografia.

⁴ *La obra supone un avance extraordinario con respecto a la teoría retórica precedente, por su carácter analítico y científico, de modo que sentó las bases de toda la retórica posterior y se convirtió en referencia obligada.*

⁵ São eles: Antifonte, Andócides, Lísias, Iseu, Isócrates, Licurgo, Hiperides, Dinarco, Ésquines e Demóstenes. (Segurado e Campos, 2014: 08).

Na Atenas do período clássico, não havia a figura do advogado como havia em Roma. Todo cidadão era obrigado a discursar por si mesmo seja na assembleia ou nos tribunais. A logografia, então, era o ofício de escrever discursos encomendados por pessoas sem instrução acurada, ou pelo menos sem capacidade de composição oratória. Iseu foi um dos que se sobressaiu nesta profissão ao lado do orador Lísias.

Segura, na sua introdução à obra *Sobre os oradores antigos*, de Dionísio de Halicarnasso, afirma (Segura, 2005: 172) que:

“Dionísio inclui em seu estudo Iseu porque, sendo o mestre de Demóstenes, pode seguir uma linha evolutiva de mestre a discípulo: do mesmo modo que em filosofia temos Sócrates, Platão e Aristóteles, na retórica teríamos Lísias, Isócrates, Iseu e Demóstenes”⁶

Não se sabe ao certo muitas coisas acerca de sua vida particular. Mas o que parece certo é que foi mestre de Demóstenes. Mas, o que se sabe, de fato, é que alcançou certa notoriedade entre os gregos da época devido aos seus discursos judiciais.

2. Discurso retórico e o estilo de Iseu.

A persuasão pode ser caracterizada como a intenção última no que diz respeito à arte da comunicação, e não é por menos que ela é o objeto-foco da retórica. O vocábulo *persuasão* advém do latim *persuasio*, *-onis*, formado a partir de duas palavras, a saber: *per* e *suasio*. *Suasio* tem o sentido próprio de *ato de aconselhar, conselho*. A palavra *per*, neste caso, é um preverbo. Pode-se observá-lo nas acepções preverbiais de *per*, segundo Faria (1967), noções de *através, durante*, mas também de *acabamento, perfeição*. Unindo assim o sentido do preverbo ao do substantivo, faz-se a seguinte inferência acerca do vocábulo: a persuasão é a ação perfeita de aconselhamento e de convicção, através das diversas maneiras de enriquecimento do discurso.

Anterior a essa noção latina, Aristóteles define em sua *Retórica*, a mais antiga do gênero, que “*não há retórica de certo gênero específico, contudo ela é útil também,*

⁶ *Dionisio incluye en su estudio a Iseo porque, siendo el maestro de Demóstenes, puede seguir una línea evolutiva de maestro a discípulo: del mismo modo que en filosofía tenemos a Sócrates, Platón y Aristóteles, en retórica tendríamos a Lisias, Isócrates, Iseo y Demóstenes.*

*assim como a dialética, já que é evidente que sua função não é convencer, mas saber, para cada um dos gêneros discursivos, que argumento persuasivo lhe é subjacente.*⁷ A função da *retórica*, concebida por Aristóteles, não seria, então, meramente convencer. Mas saber quais argumentos são convincentes a depender do gênero de discurso. Cada gênero possui seus meios de convencimento e não está descartada aqui a intenção do orador, já que para o filósofo ela deve ser boa e expressar a verdade.

Dessa concepção retórica grega à dos latinos, há pouca diferença. Ela passa a ser não só a arte do convencimento, mas também a de bem escrever, ainda que o retórico Quintiliano não renuncie a sua especificidade anterior. Tringali (1988: 22) afirma que:

“Quintiliano define a Retórica como arte de falar bem, ‘*ars bene dicendi*’. Mas, na prática, ele continua ensinando a seus discípulos que acima de tudo convém ganhar a causa, que só se ganha persuadindo. [...] Dizer bem é uma propriedade da Retórica, mas não a define. Um texto bem escrito ou pronunciado pode não ser retórico e um texto mal escrito e pronunciado pode ser retórico. Não se nega, porém, a tremenda sedução que a arte de escrever e falar bem exerce em geral.”

O orador, então, é aquele que dispõe de elementos para falar sobre diversas temáticas com eloquência e sabedoria. Como citado acima, os elementos retóricos são subsídios que compõem a grande esfera retórica, dando mais dignidade ao conteúdo sem desprezar a forma, apesar de alguns críticos acharem que a retórica é só uma forma de convencimento, não importando o conteúdo.

Quanto ao discurso, a divisão proposta por Aristóteles é a seguinte: prólogo, narração, argumentação e epílogo. O prólogo inicia o discurso. A narração conta os fatos. A argumentação refuta ou confirma argumentos extraídos da narração e o epílogo encerra o discurso dirigindo-se aos juízes. Vale dizer que essa divisão é baseada no discurso judiciário.

Assim, no prólogo, a função essencial é a de produzir na audiência o acolhimento da argumentação, bem como apresentar o seu objetivo. Na narração, tenta-se controlar os fatos para que sejam favoráveis ao orador. Ordenar e omitir fatos de acordo com o

⁷ ὅτι μὲν οὖν οὐκ ἔστιν οὐθενός τινος γένους ἀφορισμένου ἢ ῥητορικῆ, ἀλλὰ καθάπερ ἡ διαλεκτικῆ, καὶ ὅτι χρήσιμος, φανερόν, καὶ ὅτι οὐ τὸ πείσαι ἔργον αὐτῆς, ἀλλὰ τὸ ἰδεῖν τὰ ὑπάρχοντα πιθανὰ περὶ ἕκαστον (...) (*Rhet.*, 1355b, 8-11).

interesse do orador é outra técnica presente nesta parte. Na argumentação, por outro lado, encontram-se as provas retóricas, sejam intrínsecas ou extrínsecas, como se verá adiante. No epílogo, a última parte do discurso, pode-se encontrar considerações finais, lembranças de fatos e súplicas dirigidas aos juízes.

Cinco são as etapas que se deve percorrer na elaboração de um discurso, a saber: a *invenção*, que consiste na coleta do material e na busca das provas que constituem a substância dele; a *disposição*, que tem o trabalho da distribuição das partes no todo, a fim de formar uma unidade concatenada e completa; a *elocução*, que é composição do discurso, ao utilizar-se das artes de uma linguagem qualificada; a *memória*, que se pauta no exercício de decorar o discurso e pronunciá-lo no momento oportuno; a *ação* e a *pronúncia*, constituindo última e decisiva fase, haja vista a essência do discurso completar-se em sua execução.

Uma invenção apropriada do material a ser analisado se dá unicamente através de provas. As provas são raciocínios que a mente produz, seguidos de uma conclusão mediante uma exteriorização, esses pontos caracterizam os bons argumentos. As provas também podem se reduzir a silogismos⁸, sempre com o intuito de se obter a persuasão.

Segundo os manuais, depois de proceder à invenção, é preciso entender como achar as provas. Aristóteles propõe para isso a *Tópica*, uma disciplina que serve para cuidar da invenção, tanto na *Retórica* quanto na *Dialética*, demarcando lugares de onde se pode retirar as provas. Cada uma dessas seções representará o que se convencionou chamar de *lugar*. A nomenclatura *comum* se dá pelo fato de que um mesmo lugar pode fornecer base a um número diverso de discursos:

“Se reunirmos um ‘*corpus*’ de discursos retóricos, representativos e se sobre esse material, fizermos um levantamento de todas as provas, concluímos que elas se constituem da repetição de um pequeno número de tipos formais. Deste modo estabelecemos vários modelos de provas. Verificamos que um grupo de provas se baseia no conceito de definição; um grupo de provas apela para a divisão; um grupo de provas recorre à etimologia; outro grupo se fundamenta no conceito de causalidade...” (TRINGALI, 1988, p. 64).

⁸ Silogismo, do grego συλλογισμὸς, é uma dedução formal a partir de premissas. Pode-se exemplificá-lo desta maneira: Primeira premissa – Todo homem é mortal; segunda premissa – Aristóteles é homem; Conclusão – Aristóteles é mortal. O entimema, porém, é o silogismo retórico que não parte de premissas verdadeiras, mas verossímeis.

Quanto aos tipos de provas retóricas, podemos dividi-las em extrínsecas e intrínsecas. As provas extrínsecas estão fora do plano artístico do orador, no entanto, ele consegue manipulá-las ao entrar em contato com elas. Dentro da oratória forense tentou-se agrupar uma relação de invariantes das provas extrínsecas, culminando num resultado em que essa relação acabasse sendo uma marca do discurso judiciário, sobretudo porque os outros gêneros não conseguiram se adaptar, e quando o fazem, é em casos raros. Diferentemente das provas extrínsecas, as provas intrínsecas pertencem totalmente ao âmbito da arte e são imanentes à arte retórica do orador. Os tipos de provas intrínsecas são desenvolvidos pela habilidade do orador. Subdividem-se em provas lógicas e em provas psicológicas.

As provas lógicas consistem nos silogismos (entimemas) e nos exemplos. Os entimemas são provas dedutivas, e, num sentido mais preciso, são os argumentos retóricos, tipos de silogismos próprios utilizados na retórica. Diante do ponto de vista do conteúdo, podem ser dialéticos (prováveis) e geram uma opinião em vez de uma certeza. Os exemplos, por sua vez, são provas indutivas, extraídas da vida cotidiana, da história ou de narrativas fictícias.

As provas psicológicas se baseiam nos argumentos éticos e nos argumentos patéticos. Os éticos, assim chamados porque ilustram o *caráter* (ἦθος) do orador. O bom senso, o bom caráter moral e a boa vontade inspiram confiança na construção do *éthos* do orador (PATILLON, 1990). A competência da linguagem do orador é algo que faz com que as pessoas acreditem na veracidade de seus argumentos. Esse tipo de argumentação é *a mais forte* (κυριωτάτην), segundo Aristóteles (*Rhet.* 1356, a, 13). Além disso, é importante também reconhecer que o *éthos* do orador não é o *éthos* prévio, mas um *éthos* construído pelo *próprio discurso* (διὰ τοῦ λόγου, *Rhet.* 1356, a, 9).

A indução dos ouvintes a determinado estado psicológico é outro tipo de argumento, o baseado na *emoção* (πάθος). Aqui então entram os argumentos *pathéticos*, assim chamados porque vêm de *πάθος* (*sofrimento, emoção*). Uma vez que a audiência esteja inserida no mesmo estado de ânimo, ela, cativada, anuirá com a exposição dos fatos. Podemos afirmar que as *emoções*, em termos de argumentação, são todos aqueles sentimentos que alteram os homens e que também afetam seus julgamentos em relação a algum fato ou qualquer coisa passível de julgamento. É preciso que o orador, então, saiba o que suscita cada tipo de emoção na audiência, a fim de poder controlá-la (PATILLON, 1990).

Para além dos argumentos expostos acima, o elemento que mais caracteriza o orador é seu estilo. É a parte da retórica que busca definir os estilos de expressão com que cada orador estrutura seu discurso. O terceiro livro da *Retórica* de Aristóteles é quase inteiramente dedicado a esse estudo. O estilo torna concreta a função poética da linguagem e expõe o modo como um determinado assunto será discorrido, estruturado. Em geral, de acordo com as retóricas antigas, há três tipos de estilo, a saber: o estilo *simples*, comum, o que mais se aproxima da linguagem corrente e intenta convencer; o *sublime*, com um tom mais elevado, que intenta comover, baseada principalmente na argumentação *pathética*; e por fim, o *médio*, para agradar, num meio termo entre o simples e o sublime.

Há de certa forma correspondência entre os tipos de argumentação empregados pelo orador e seu estilo. De um argumento lógico, todos se valem. Mas dos argumentos *éticos* e *pathéticos* cada orador os emprega de acordo com suas preferências. Aristóteles os define no livro terceiro de sua *Retórica*. Para ele:

O estilo *ético* é a demonstração a partir de vestígios, quando esse estilo, sendo bem ajustado, acompanha a cada gênero e disposição. Chamo de gênero cada idade, tais como a criança, o homem e o velho e também a esposa e o marido, o Lacedemônio e o Tessálio; por outro lado, chamo de disposição aquilo relação a que alguém possui um jeito de ser na vida. Os viventes têm certos modos de ser, mas não em relação a todo tipo de disposição. Assim, se alguém se expressar com termos apropriados à determinada disposição, produzirá *étos*, já que não poderiam falar as mesmas coisas nem do mesmo modo um agricultor e um professor.⁹

Parece que o estilo *ético* ultrapassa as definições do *ethos* do orador, incide mesmo em uma construção de *ethos* de qualquer pessoa em um discurso. Constrói, através dos discursos atribuídos a cada gênero, a verossimilhança com os tipos sociais tanto em questão de conteúdo quanto em questão de forma, ou seja, não só as palavras devem ser apropriadas a cada gênero, mas também a organização sintática. A disposição do orador ou até do oponente, quando possível demonstrar, é também outra característica deste estilo. A disposição, grosso modo, é um estado de alma. Tal estado é

⁹ και ἠθικὴ δὲ αὕτη ἢ ἐκ τῶν σημείων δεῖξις, ὅτε ἀκολουθεῖ ἢ ἀρμόττουσα ἐκάστω γένει καὶ ἔξει. λέγω δὲ γένος μὲν καθ' ἡλικίαν, οἷον παῖς ἢ ἀνὴρ ἢ γέρον, καὶ γυνὴ ἢ ἀνὴρ, καὶ Λάκων ἢ Θετταλός, ἔξεις δέ, καθ' ἃς ποιός τις τῶ βίῳ· οὐ γὰρ καθ' ἅπασαν ἔξιν οἱ βίοι ποιοί τινες. ἐὰν οὖν καὶ τὰ ὀνόματα οἰκεῖα λέγη τῇ ἔξει, ποιήσει τὸ ἦθος· οὐ γὰρ ταῦτά οὐδ' ὡσαύτως ἀγροῖκος ἂν καὶ πεπαιδευμένος εἴπειεν (*Rhet.* 1408, a, 25-32).

um pouco mais duradouro que o hábito. Assim, por exemplo, se um indivíduo se irrita a todo tempo, seu *caráter* pode ser construído como o de um homem irascível. Especificamente, essas construções de *ethos* incidem, com mais propriedade, na parte da narração em um discurso:

É preciso haver uma narração *ética*: isso acontecerá, se soubermos o que produz o caráter. A primeira coisa é evidenciar a intenção do agente. A qualidade do caráter será conforme a certo tipo de intenção e a qualidade da intenção em relação a um fim. (...) Além disso, os traços de caráter são aquilo que acompanha cada tipo de caráter, por exemplo, “*caminhava enquanto falava*”, já que isso coloca em evidência um *ethos* arrogante e grosseiro. Não se deve falar a partir de uma reflexão, como fazem os oradores hoje, mas a partir de uma intenção: “*eu queria*” e “*escolhi, então, isso*”, mas também “*se não ajudei, foi melhor*” A primeira expressão é de uma pessoa prudente, a segunda de um homem valoroso. A do prudente por perseguir uma vantagem, a do valoroso por perseguir um bem.¹⁰

Na determinação do caráter do agente é importante demonstrar, enquanto se narra, as intenções. Sem elas, não se produz *éthos*. É preciso perceber também que tanto a expressão em si é carregada de *éthos* como o fim a que tende a ação ou fala. O *éthos*, principalmente na narração, é de suma importância por se relatar fatos de agentes que possuem tais ou quais caracteres. Esse tipo de argumentação não deixa de ter uma certa influência sobre a audiência, já que ela passa a julgar os atos e as falas dos agentes, presentes no discurso, de acordo com essas categorias. É claro que o estilo *pathético* procura muito mais atingir a audiência do que o estilo *ético*. Na definição aristotélica, inclusive:

Pathético é o estilo de um orador irado, se houver algum tipo de ultraje, mas, se houver atos ímpios e repulsivos, deve ser o de alguém crítico e cauteloso e falar, se os atos forem louváveis, de modo complacente, se forem

¹⁰ ἠθικὴν δὲ χρῆσιν τὴν διήγησιν εἶναι· ἔσται δὲ τοῦτο, ἂν εἰδῶμεν τί ἦθος ποιεῖ. ἐν μὲν δὴ τὸ προαίρεσιν δηλοῦν, ποιὸν δὲ τὸ ἦθος τῶ ποιῶν ταύτην, ἢ δὲ προαίρεσις ποιά τῶ τέλει· (...) ἄλλα δ' ἠθικὰ τὰ ἐπόμενα ἐκάστω ἦθει, οἷον ὅτι ἅμα λέγων ἐβάδιζεν· δηλοῖ γὰρ θρασύτητα καὶ ἀγροικίαν ἦθους. καὶ μὴ ὡς ἀπὸ διανοίας λέγειν, ὥσπερ οἱ νῦν, ἀλλ' ὡς ἀπὸ προαιρέσεως· “ἐγὼ δὲ ἐβουλόμην· καὶ προειλόμην γὰρ τοῦτο· ἀλλ' εἰ μὴ ὠνήμην, βέλτιον”· τὸ μὲν γὰρ φρονίμου τὸ δὲ ἀγαθοῦ· φρονίμου μὲν γὰρ ἐν τῶ τὸ ὠφέλιμον διώκειν, ἀγαθοῦ δ' ἐν τῶ τὸ καλόν. (*Rhet.* 1417, a, 16-29).

pedosos, de modo respeitoso e assim com as outras disposições. (...) quem escuta sempre experimenta a mesma sensação daquele que fala (...).¹¹

Neste sentido, observa-se que o orador não deve apresentar quaisquer tipos de emoção. Se não tiver fatos mencionados que possam justificar as emoções apresentadas pelo orador, qualquer manifestação emotiva pode soar não verossímil. A indicação nesta primeira parte parece estar relacionada com a expressão, principalmente, a expressão oral do discurso. Mas em termos de conteúdo, há também a forma de reação do orador aos fatos mencionados, verbalmente expressos, porém. O modo como o orador se expressa diante de cada fato, é o que proporcionará maior verossimilhança, levando os ouvintes a compartilharem da mesma emoção. É possível também, segundo Aristóteles, produzir uma narração *pathétika*. Produz-se uma narração deste tipo ao se utilizar de elementos emocionais: “*narrando tanto as consequências que já se sabe quanto as nossas particularidades ou de nossos adversários: “saiu andando, depois de me avistar”. Como Ésquines que fala a respeito de Crátilo: andava “assobiando alto e agitando ambas as mãos”*”.¹² Na narração, há de certa forma descrição de gestos, costumes e particularidades que demonstram algo *do jeito da pessoa* (ποιόν τινα), a fim de que *o público imagine alguém deste tipo* (ἵνα ὡς τοιοῦτον θεωρῶσιν, Rhet. 1417b). Por isso, “*são críveis, porque esses sinais que a audiência já conhece tornam-se indícios daquilo que não se conhece. Muitos de tais exemplos podem-se retirar de Homero: “falava então assim, a velha tinha a cabeça baixa entre as mãos.”*”¹³

Não está excluída a utilização destes dois estilos em uma narração, já que se percebe que há uma conexão entre os dois estilos. Ambos produzem caracteres, sejam do próprio orador, sejam do oponente. Produzir caráter é plasmar o agente no discurso, o que é tarefa do estilo *ético*, mas uma parte do estilo *pathético* também se vale de certos sinais para demonstrar caracteres críveis para a audiência, a partir dos quais, uma vez reconhecido por ela, pode gerar indignação, ódio, piedade, etc.

Sobre o estilo de Iseu, é prudente seguir a opinião do crítico Dionísio de Halicarnasso. Ele compara Iseu a Lísias a fim de ressaltar as diferenças entre os

¹¹ παθητικὴ δέ, ἐὰν μὲν ἦ ὕβρις, ὀργιζομένου λέξις, ἐὰν δὲ ἀσεβῆ καὶ αἰσχροῦ, δυσχεραίνοντος καὶ εὐλαβομένου καὶ λέγειν, ἐὰν δὲ ἐπαινετὰ, ἀγαμένως, ἐὰν δὲ ἐλεεινὰ, ταπεινῶς, καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων δὲ ὁμοίως. (...) καὶ συνομοπαθεῖ ὁ ἀκούων ἂν τῷ παθητικῶς λέγοντι, (...). (Rhet. 1408, a, 16-24).

¹² διηγούμενος καὶ τὰ ἐπόμενα [καὶ] ἅ ἴσασι, καὶ τὰ ἴδια ἢ σεαυτῷ ἢ ἐκείνῳ προσόντα. “ὁ δ' ὄχρετό με ὑποβλέψας”. καὶ ὡς περὶ Κρατύλου Αἰσχίνης, ὅτι διασίζων, τοῖν χειροῖν διασείων. (Rhet. 1417, a, 36- 1417, b, 2)

¹³ πιθανὰ γάρ, διότι σύμβολα γίνονται ταῦτα ἅ ἴσασιν ἐκείνων ὧν οὐκ ἴσασιν. πλεῖστα δὲ τοιαῦτα λαβεῖν ἐξ Ὁμήρου ἔστιν· ὡς ἄρ' ἔφη, γρήγος δὲ κατέσχετο χερσὶ πρόσωπα. (Rhet. 1417, b, 2-5)

oradores. De início, define a expressão de Iseu como *pura, acurada, muito clara, vívida e concisa*¹⁴. Entretanto, apesar de considerar Iseu um imitador de Lísias, ele aponta algumas diferenças:

E [a elocução de Iseu] poderia diferir da (de Lísias) nestas coisas: esta, pois, é mais franca e *ética* (trabalho de caracteres). É composta de maneira mais natural e estruturada de modo mais simples, munida de muito prazer e graça. A de Iseu pode parecer mais técnica e concisa do que a de Lísias. Quanto à composição, é mais minuciosa, repartida por várias figuras. O quanto carece de graça em relação a de Lísias, tanto se eleva sobre ela por sua habilidade em construção. A elocução de Iseu é realmente a fonte da força da de Demóstenes. Alguém, então, poderia reconhecer a elocução [de Iseu] deste modo.¹⁵

Depreende-se dessa passagem que Iseu possui um estilo mais técnico, menos vívido do que o de Lísias. A técnica, sem dúvida, é um forte componente em sua criação, mas é o que também torna o discurso mais artificial. Dessa forma, parece que seu discurso tem por finalidade produzir argumentações rígidas ao invés de utilizar argumentos mais psicagógicos. Em resumo, a técnica discursiva de Iseu se caracteriza pela habilidade, ainda que em diversos trechos se perceba traços artificiais de sua construção – levando-se em conta que há uma diferença notável entre um discurso escrito e um discurso pronunciado. Para Dionísio, Iseu “*não estrutura as palavras de modo corrente, nem mesmo sequer como faria uma pessoa particular, por Zeus!*”¹⁶. As minúcias, a concisão e as várias figuras que abundam no discurso de Iseu, produzem um certo tom de artificialidade que o distanciaria de um discurso, mais natural, falado, cheio de improvisos.

Especificamente nas partes do discurso, os fatos narrados por Iseu possuem também, segundo Dionísio, algumas particularidades:

Ele se utiliza de preâmbulos, introduções e de partições oratórias mais técnicas; atribui a cada elemento nas partes do discurso em que oferece a sua

¹⁴ (καθαρά μὲν καὶ ἀκριβῆς καὶ σαφῆς κυρία τε καὶ ἐναργῆς καὶ σύντομος. (Dionisio de Halicarnasso, 1965: seção 3).

¹⁵ Διαφέρειν δὲ ἐκείνης δόξειεν ἂν ἐν τοῖσδε· ἢ μὲν γὰρ, ἀφελῆς τε καὶ ἠθικὴ μᾶλλον ἐστὶ· σύγκειται τε φυσικώτερον, καὶ ἐσχημάτισται ἀπλούτερον, ἡδονῇ τε καὶ χάριτι πολλῇ κεχορηγήται. Ἡ δὲ Ἰσαίου τεχνικώτερα δόξειεν ἂν εἶναι καὶ ἀκριβεστέρα τῆς Λυσίου· τὴν τε σύνθεσιν περιεργότερα τις, καὶ σχηματισμοῖς διελημμένη ποικίλοις· ὅσον τε ἀπολείπεται τῆς χάριτος ἐκείνης, τοσοῦτον ὑπερέχει τῇ δεινότητι τῆς κατασκευῆς· καὶ πηγὴ τις ὄντως ἐστὶ τῆς Δημοσθένους δυνάμεως. Τὴν μὲν οὖν λέξιν οὕτως ἂν τις διαγνοίη. (Dionisio de Halicarnasso, 1965: seção 3).

¹⁶ συντίθησί τε τὰ ὀνόματα οὐ φαύλως μὰ Δία οὐδ' ὥς ἂν ιδιώτης (Halicarnassus, seção 11, 25)

utilidade; leva muito adiante as conclusões dos argumentos; varia os discursos com mudanças de figuras e de argumentos veementes e *pathéticos*. Irrompe contra o adversário, é astucioso com os juízes. Nos fatos narrados, sobre os quais o discurso [trata], tenta de tudo para esclarecê-los.¹⁷

O que se pode reter desta afirmação é que Iseu possui uma construção artificial, muito técnica, mas também *pathética*. O foco de sua argumentação é a demolição dos argumentos adversários. Para isso, no entanto, quando a argumentação lógica não está plenamente satisfeita por provas extrínsecas, recorre o orador a estratégias provenientes de argumentos *éticos* e *pathéticos*. Seguindo o crítico, as narrações de Iseu são algumas vezes *sem intróito, concisas e não adiantam nada das demonstrações* (...) (ἀπροκατασκευάστους καὶ συντόμους καὶ οὐδὲν προκαταλαμβάνουσας τῶν ἀποδεικτικῶν (...)) (Dionísio de Halicarnasso, seção 14, 8-9). Outras vezes, ele, *ao dividir as narrações em pontos principais e acrescentar provas em cada uma delas, alonga-se demais e ultrapassa a forma da narração, utilizando-se dela de acordo com sua vontade*. (τότε δὲ μερίσας αὐτὰς κατὰ κεφάλαια καὶ παρ' ἑκαστον αὐτῶν τὰς πίστει παρατιθεὶς ἐκμηκύνει τε μᾶλλον καὶ ἐκβαίνει τὸ τῆς διηγήσεως σχῆμα, τῷ συμφέροντι χρώμενος. (Dionísio de Halicarnasso, seção 14, 13-16). Disso depreende-se duas formas de narração: uma curta, sem introdução dos fatos e sem relação com a argumentação posterior; outra, com muitos fatos secundados por provas e longa demais.

Esta última forma parece ser preferível quando se tem muitas provas para a refutação, já que antecipa na narração cada tipo de prova com os fatos aludidos, facilitando assim a exposição de sua argumentação por antecipar cada tipo de prova. Os introitos a respeito dos fatos e a antecipação do que será dito são outras técnicas utilizadas para alongar a narração. O ataque ao oponente na refutação, então, será mais agressivo, visto que ele pode explorar um ataque mais direto, pessoal, utilizando-se dos pontos antecipados nela.

Por último, Dionísio resume algumas técnicas que o orador emprega em outras narrações:

¹⁷ καὶ γὰρ ἐφόδοις χρήται καὶ προκατασκευαῖς, καὶ μερισμοῖς τεχνικωτέροις· καὶ τίθησιν ἐν οἷς δίδωσι χρήσιν ἑκαστον· καὶ μέχρι πολλοῦ προάγει τὰς τῶν ἐπιχειρημάτων ἐξεργασίας, σχημάτων τε μεταβολαῖς ἐναγωνίων καὶ παθητικῶν ποικίλλει τοὺς λόγους. Καὶ πρὸς μὲν τὸν ἀντίδικον διαπονηρεῦεται, τοὺς δὲ δικαστὰς καταστρατηγεῖ· τοῖς δὲ πράγμασιν, ὑπὲρ ὧν ὁ λόγος, ἐκ παντὸς πειρᾶται βοηθεῖν. (Dionisio de Halicarnasso, 1965: seção 3)

Poderia fornecer muitas outras narrações, que são administradas pelo orador de acordo com seu interesse em partes introdutórias, nas disposições dos ouvintes, nas divisões, nas mudanças de argumentos, nas passagens de ações, ou para retornar às conclusões, para não narrar ações de acordo com a cronologia, para não fazer tudo como acontece na natureza nem falar como algum particular diria, com várias dessas figuras.¹⁸

Tudo isso comprova o quanto a narração de Iseu é diferente de outros esquemas mais simples, tal como a de Lísias, por exemplo. A manipulação dos fatos é a principal arma retórica com a qual Iseu parece ter ganho a fama *de charlatão e de enganador* (γοητείας καὶ ἀπάτης), *de hábil em compor discursos técnicos a respeito dos piores assuntos* (δεινὸς ἀνὴρ τεχνιτεῦσαι λόγουσ ἐπὶ τὰ πονηρότερα), razão pela qual *era censurado* (διεβάλλετο, Dionísio de Halicarnasso, seção 4, 12-14).

Por outro lado, o discurso de Iseu, ainda que não explorado pelo crítico, também possui um trabalho sobre o *éthos*, não do orador, mas do oponente, além do emprego de muitas expressões *éticas*. Dessa forma, como se estrutura, então, o emprego desses recursos no próêmio do discurso “*Sobre os bens de Menécles*”?

3. Πάθος e ἦθος no próêmio do segundo discurso de Iseu.

O segundo discurso de Iseu, intitulado *Sobre os bens de Menecles*, aborda questões sobre adoção, herança e honra do morto, de acordo com as leis vigentes na Atenas do século IV. Segundo essas leis, um homem, não possuindo filho varão, podia adotar qualquer pessoa para fins de sucessão de bens. O discurso se caracteriza como uma defesa em que o adotado reivindica a posse dos bens do falecido pai adotivo, contestados pelo tio. De modo geral, o irmão de Menécles tenta argumentar que ele morreu sem filhos e que a adoção não aconteceu de acordo com as leis. A parte interessada, a que pronuncia o discurso, busca demonstrar a legalidade da adoção, feita de acordo com as leis, tornando, inclusive, sem efeito a contestação jurídica anterior. A divisão do discurso pode ser esquematizada da seguinte forma: próêmio, parágrafos 1-2;

¹⁸ πολλὰς δ' ἂν ἔχοιμι καὶ ἄλλας παρασχέσθαι διηγήσεις, πρὸς τὸ συμφέρον ὠκονομημένας ὑπὸ τοῦ ῥήτορος προκατασκευαῖς, παρασκευαῖς, μερισμοῖς, χωρίων ἀλλαγαῖς, πραγμάτων μεταγωγαῖς, τῶ τὰ κεφάλαια ἀνεστράφθαι, τῶ μὴ κατὰ τοὺς χρόνους τὰ πραχθέντα εἰρησθαι, τῶ [ὡς] μὴ πάντα μὴδ' ἅμ' ὡς φύσιν εἶχε πραχθῆναι μὴδ' ὡς ἂν ιδιώτης τις εἴποι λέγεσθαι, μυριοῖς ἄλλοις τοιούτοις τρόποις. (Halicarnassus, seção 15, 23-31).

narração, parágrafos 3-12; provas e argumentação, 13-43 (com partes específicas) e epílogo, parágrafos 44-47 (Edwards, 2007).

No proêmio, então, é possível vislumbrar o emprego das categorias de *éthos* e *páthos* na argumentação:

[1]. Acreditava, cidadãos, que se uma pessoa pudesse ser adotada por alguém segundo as leis, eu também deveria ter sido, e ninguém jamais ousaria dizer que Menécles me adotou, delirando ou persuadido por uma mulher. Mas, quando meu tio, não deliberando corretamente como eu estou a ponto de comprovar, tenta de todo modo afirmar que seu irmão morreu sem filhos, não tendo nenhuma vergonha nem dos deuses paternos nem de vocês. Para mim, então, há a grande necessidade de ir em socorro ao pai que me adotou e a mim mesmo. (Iseu, 2.1)¹⁹

Nesta primeira parte do proêmio, sem qualquer introito, com uma condensação de provas que serão amplamente trabalhadas mais a frente, o orador abre o proêmio estabelecendo uma oposição entre a parte interessada (*Ἡγούμην μὲν ...καὶ ἐγὼ*) e a contrária (*δὲ ὁ θεῖος*). Mas não coloca seu caráter diretamente em oposição ao do tio. Estabelece, entretanto, um paralelismo entre o caráter de seu pai adotivo e de seu tio (entenda-se também adotivo): seu pai adotivo não delirava nem era persuadido por alguma mulher a fazer a adoção; seu tio não deliberou bem, o que indicaria a sua intenção, e nem se envergonha perante os deuses e nem à audiência, o que demonstra a tentativa do orador, através de uma inventiva *pathética*, de indispor a audiência contra a parte contrária. Retrata ainda indiretamente seu opositor como impiedoso ao não respeitar a escolha da via de adoção do próprio irmão, já falecido. Isto implica em afirmar que o irmão litigante não respeita o desejo do morto em ser honrado pelo adotado, sobretudo após sua morte, insinuando à audiência que ele fere inclusive os ritos que ela mesma, a audiência, respeita. Ao fim desta primeira parte, argumenta que sua tarefa não é só se defender, mas defender a honra de seu pai. Nesta primeira parte do proêmio ainda, já é possível vislumbrar os caracteres bem delineados das partes envolvidas no processo. O *páthos* aqui é trabalhado por argumentos que levantam questões religiosas, fazendo com que a audiência participe diretamente do discurso ao

¹⁹ [1]. Ἡγούμην μὲν, ὃ ἄνδρες, εἴ τις καὶ ἄλλος ἐποιήθη ὑπὸ τινος κατὰ τοὺς νόμους, καὶ ἐγὼ ποιηθῆναι, καὶ οὐκ ἂν ποτε εἰπεῖν οὐδένα τολμῆσαι ὡς ἐποίησάτο με Μενεκλῆς παρανοῶν ἢ γυναικὶ πιθόμενος· ἐπειδὴ δὲ ὁ θεῖος οὐκ ὀρθῶς βουλευόμενος, ὡς ἐγὼ φημι, πειρᾶται ἐξ ἅπαντος τρόπου τὸν ἀδελφὸν τὸν αὐτοῦ ἄπαιδα τεθνεῶτα καταστήσαι, οὔτε τοὺς θεοὺς τοὺς πατρώους οὔθ' ὑμῶν αἰσχυρόμενος οὐδένα, ἐμοὶ ἀνάγκη ἐστὶ πολλὴ βοηθεῖν τῷ τε πατρὶ τῷ ποιησαμένῳ με καὶ ἐμαυτῷ.

utilizar um pronome, “vocês” (ὕμῶν), que poderia, inclusive, vir acompanhado de um gesto incisivo com mão.

Fica patente, portanto, que Iseu em apenas um parágrafo demonstra-se hábil na utilização e manipulação do *ethos* dos envolvidos: o pai adotivo em perfeito juízo e não convencido por uma mulher, o que era passível de anulação, caso algum desses fatos fosse comprovado; o tio, como alguém que não deliberou bem, mas também configurado como desavergonhado por não respeitar a lei; por último, o próprio orador caracteriza-se como um filho que tenta honrar a memória do pai ao ir em seu socorro. Assim, não há dúvida no tocante à construção deste parágrafo, o orador, ao mesmo tempo em que delineia o *ethos* de todos, tenta indispor a audiência contra seu opositor, empregando valores religiosos e morais dos quais ela compartilha.

O segundo parágrafo do proêmio é mais concentrado na legalidade. Pode ser dividido também em três estágios, como o parágrafo anterior:

[2]. Eu vos instruirei, portanto, desde o início, como a adoção ocorreu convenientemente e segundo as leis, e, sendo eu filho dele, como a herança de Menécles não é passível de ser contestada em justiça, e sobretudo como a testemunha proferiu coisas verdadeiras. A todos vós peço, suplico e imploro para que meus argumentos sejam acolhidos com benevolência. (Iseu, 2.2).²⁰

Em primeiro lugar, o orador anuncia que instruirá a todos de como a adoção ocorreu de forma conveniente e de acordo com as leis²¹; em segundo lugar, que a herança não está sujeita à contestação jurídica, justamente pelo fato de que, se a lei abona a adoção e esta foi feita nos parâmetros corretos, o adotado, então, é realmente filho de Menécles²². Em terceiro lugar, retificará por provas inartísticas os fatos elencados nos dois primeiros argumentos. Assim, apesar da boa delimitação da sequência das provas e de uma aparente lógica demonstrativa, o final do período é extremamente patético. A *captatio benevolentiae* é desenvolvida da seguinte forma: o

²⁰ [2]. Διδάξω οὖν ὑμᾶς ἐξ ἀρχῆς ὡς προσηκόντως τε καὶ κατὰ τοὺς νόμους ἐγένετο ἡ ποίησις καὶ οὐκ ἔστιν ἐπίδικος ὁ κληρὸς ὁ Μενεκλέους, ὄντος ἐμοῦ υἱοῦ ἐκείνου, ἀλλ' ὁ μάρτυς διεμαρτύρησε τἀληθῆ. Δέομαι δ' ὑμῶν ἀπάντων καὶ ἀντιβολῶ καὶ ἱκετεύω μετ' εὐνοίας ἀποδέχεσθαι μου τοὺς λόγους.

²¹ O orador então toma as rédeas do discurso e diz que ele mesmo discorrerá a respeito da adoção legítima, neste trecho: ὡς προσηκόντως τε καὶ κατὰ τοὺς νόμους ἐγένετο ἡ ποίησις – como a adoção ocorreu convenientemente e segundo as leis.

²² É importante ressaltar a estrutura utilizada pelo orador para indicar que o rapaz é filho: com um *genitivo absoluto* (ὄντος ἐμοῦ υἱοῦ ἐκείνου – sendo eu filho dele). O genitivo absoluto é uma estrutura gramatical que ressalta sobretudo noções de origem e posse. Com isso, sintaticamente, o orador se filia ao pai adotivo.

orador emprega os verbos δέομαι²³, ἀντιβολῶ²⁴ e ἰκετεύω²⁵, não só para comover, já que são verbos de súplica, mas também para impelir, através dessa posição de submissão, os juízes a um acolhimento favorável (μετ' εὐνοίας²⁶) de seus argumentos. Em vista disso, o emprego da súplica no final deste proêmio extremamente condensado revela também tanto técnicas de utilização de πάθος (*páthos*) como de ἦθος (*éthos*), dado que o próprio orador se coloca em posição de inferioridade face aos juízes, demonstrando assim um bom caráter moral.

Considerações Finais

De um modo geral, os proêmios nos discursos jurídicos possuem o mesmo valor que os prólogos nos dramas e os proêmios nos poemas épicos, ou seja, uma parte que antecipa o tema ou assunto em questão. Essa técnica é planejada para dar aos ouvintes informações que serão recapituladas na sequência, para torná-los engajados na exposição ou nas ações da tragédia ou nos eventos nos poemas épicos.

Uma das primeiras características desse proêmio é que o esquematismo das retóricas quanto ao emprego do ἦθος e do πάθος é bem complexo. Percebe-se que Iseu é muito habilidoso no tratamento de seu proêmio, apesar deste ser relativamente pequeno. Ele utiliza argumentos emocionais simultaneamente na mesma passagem, ainda que nos tratados de retórica esses argumentos estejam aparentemente separados. Neste sentido, observa-se também que, enquanto o orador busca construir gradativamente um caráter, seja de si mesmo, seja de seu oponente, ele acaba por induzir, ao mesmo tempo, a audiência a uma determinada emoção, constituindo-a como responsável por sua salvação.

Para concluir, Iseu revela-se, portanto, extremamente hábil ao produzir um proêmio condensado que cumpre perfeitamente sua função, tal como sugerida nos tratados retóricos, além de empregar o máximo de recursos possíveis sem parecer

²³ Δέομαι é a forma média do verbo δέω, que traz em sua raiz os significados de *ter falta*, *estar necessitado*, e depois *desejar*, *pretender*, *pedir*, *rogar*. É o primeiro verbo utilizado pelo orador para preparar a *captatio benevolentiae* dos ouvintes.

²⁴ O segundo verbo utilizado pelo orador, ἀντιβολῶ, traz agora os significados de *sair ou vir ao encontro*, *estar presente*, e depois *acercar-se em súplica*, *suplicar*. Retoma as raízes dos substantivos femininos ἀντιβόλησις e ἀντιβόλια, que significam *súplica*, *rogo*.

²⁵ O terceiro verbo empregado pelo orador, por sua vez, é ἰκετεύω, mais forte ainda do que os dois verbos empregados anteriormente. Os seus sentidos são de *ser suplicante*, *vir ou apresentar-se como suplicante*, e depois *vir a implorar*, *implorar*.

²⁶ A expressão μετ' εὐνοίας é composta por dois vocábulos. O primeiro é μετά, preposição do caso genitivo, em grego, que significa *com*. O segundo é εὐνοίας, substantivo feminino, que significa *benevolência*. Após valer-se do acúmulo de três verbos em sequência de significados gradativos de força, o orador conclui a *captatio benevolentiae* dos ouvintes com essa expressão.

desequilibrado ou extenso. Com base nisso, é possível depreender também que o estilo do orador oscila entre o simples e o sublime, já que o orador utiliza expressões simples, sem o emprego de metáforas ou construções sintáticas intrincadas, mas serve-se de sintéticas construções pathéticas e éticas. Ora, a partir disso, torna-se latente, então, o fato de não ser descabida a fama de que Iseu gozava, a de ser considerado um orador hábil, ou caso se deseje, terrível, já que a tradição o nomeava como δεινός ἀνὴρ (Dionísio de Halicarnasso, 1899: seção 4, linha 13).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTOTELE. *Retorica*. A cura di Marco Dorati. Milano: Mondadori Editore, 1996.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução: Marcelo Silvano Madeira. São Paulo: Rideel, 2007.
- _____. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. 1ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français. Le Grand Bailly*. Paris: Hachette, 2000.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário Escolar Latino-Português*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, volume 17, 2003.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Tradução: Victor Jabouille. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- HALICARNASO, Dionisio de. *Tratados de Crítica Literaria*. Introdução, tradução e notas: Juan Pedro Oliver Segura. Madri: Editorial Gredos, 2005.
- _____. *De Isaeo*, ed. H. Usener and L. Rademacher, Dionysii Halicarnasei quae exstant, vol. 5. Leipzig: Teubner, 1899 (repr. Stuttgart: 1965): 93-124.
- HERMOGENES. *Sobre las Formas de Estilo*. Introdução, tradução e notas: Consuelo Ruiz Montero. Madri: Editorial Gredos, 1993.
- ISEO. *Discursos*. Tradução: Jiménez López. Madri: Editorial Gredos, 1996.
- ISEU. *Discursos VI: a herança de Filoctémon*. Trad, Introd. e Comentários. Segurado e Campos, J.A. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- MOLINIÉ, G. *Dictionnaire de rhétorique*. Paris: Librairie Générale Française, 1992.
- PATILLON, Michel. *Éléments de Rhétorique Classique*. Paris: Éditions Nathan, 1990.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. 12ª Edição. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

TRINGALI, Dante. *Introdução à Retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

URBINA, José María Pabón de. *Diccionario Manual Griego. Griego clásico-Español*. Barcelona: Vox Lenguas Clasicas, 2014.